

Promotora exige explicações do GDF sobre medidas previstas para o atendimento dos 84 pacientes que fazem radioterapia na rede pública

MPDF exige soluções

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Os pacientes com câncer que fazem radioterapia vão precisar esperar até o final de semana para saber se o equipamento do Hospital de Base será consertado ou se os doentes serão mandados para outros estados. O aparelho está quebrado há uma semana e a Secretaria de Saúde aguarda uma posição do fabricante para definir quanto tempo será necessário para os reparos. Ontem, o Ministério Público do DF mandou um ofício para o governo, cobrando informações em até 48 horas sobre a situação do acelerador linear e sobre o atendimento aos pacientes que dependem da radioterapia.

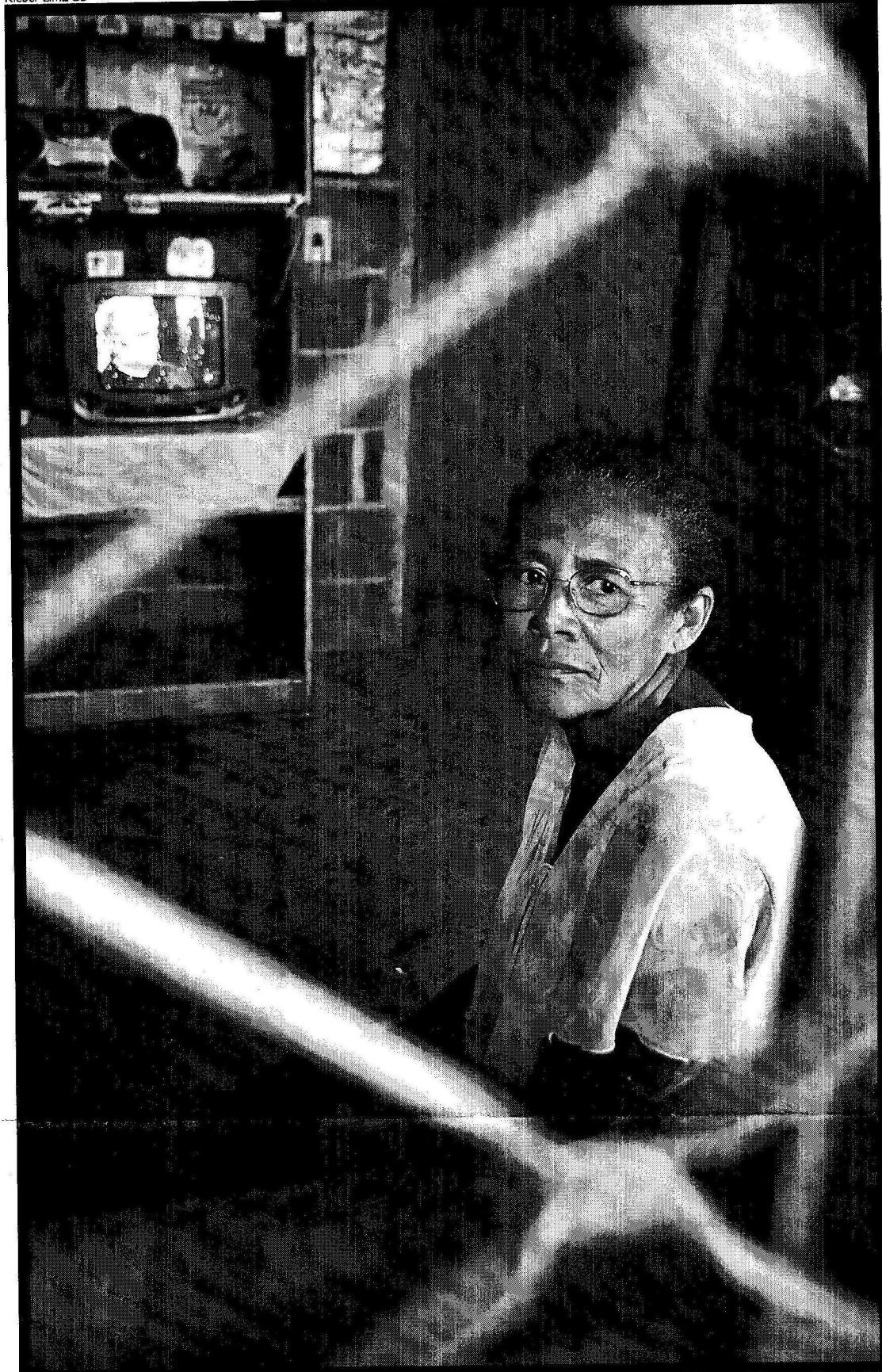
A promotora de Defesa dos Usuários do Sistema Único de Saúde Cátia Giselle Vergara quer saber qual é o planejamento da Secretaria de Saúde para atender os 84 pacientes que fazem radioterapia na rede pública. "Esse é um problema crônico do DF, já que existe apenas um equipamento de radioterapia no sistema público", explica a promotora.

A dona-de-casa Alzira Pereira Homero, 57 anos, mora em uma casa simples no condomínio Del Lago, ao lado do Itapoã. Na última segunda-feira, ela andou pelas ruas empoeiradas da região até a parada de ônibus. Quando chegou ao Hospital de Base para mais uma sessão de radioterapia, foi informada de que o aparelho estava quebrado e voltou para casa sem receber a radiação necessária para combater o câncer no colo do útero. O medo maior é de que, com a falta de manutenção do equipamento, ela tenha que fazer o tratamento em outro estado. "Minhas filhas trabalham e não poderiam me acompanhar. Me sinto muito fraca, não teria condições de me manter em outra cidade nem de viajar sozinha", lamenta dona Alzira. Ela já fez 20 sessões de radioterapia e precisa ainda de mais 10 exposições.

O diretor do hospital, Ronaldo Sérgio Pereira, explica que a Secretaria de Saúde não pode substituir a peça quebrada do acelerador linear porque ainda está no período de garantia. Ela foi trocada em agosto do ano passado. "Vamos esperar mais dois ou três dias para sabermos se a substituição é possível. Senão, vamos mandar os pacientes para tratamento fora do DF", garante o diretor do Hospital de Base.

A fabricante do acelerador linear é a Siemens. A empresa mandou um técnico ao Hospital de Base no dia em que foi constatado o defeito. A peça quebrada, chamada de Magnétron, é um componente de alto custo. Ela tem capacidade para duas mil horas de exposição e, desde a última troca, só teve mil horas de uso.

Kleber Lima/CB



COM CÂNCER NO COLO DO ÚTERO, ALZIRA VOLTOU DO HOSPITAL DE BASE SEM A RADIOTERAPIA NECESSÁRIA

ENTENDA O CASO

Equipamentos encaixotados

Atualmente, 84 pacientes fazem tratamento de radioterapia na rede pública do Distrito Federal. A cidade tem apenas dois equipamentos: o do Hospital de Base e outro da rede particular, instalado no Hospital Santa Lúcia. Mandar os doentes que usam o Hospital de Base para o sistema privado não se-

ria possível, segundo a Secretaria de Saúde, porque há longas filas de espera até mesmo para quem tem plano de saúde ou dinheiro para pagar o tratamento. A maioria das pessoas que tem condições financeiras busca atendimento fora de Brasília, em cidades como Anápolis, Goiânia e São Paulo.

Para especialistas, a solução do problema seria a utilização dos equipamentos que estão encaixotados na Universidade de Brasi-

lia. Eles seriam instalados no novo Centro de Alta Complexidade em Oncologia, mas as obras do prédio foram suspensas e os aparelhos permanecem parados em uma sala há 34 meses. Na última segunda-feira, a UnB lançou uma licitação para a retomada das obras. Até o término da construção do edifício, no entanto, os equipamentos devem permanecer guardados na UnB. E os pacientes sem atendimento.